



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Solar dos Panatieri

Construído em 1798, é um dos destaques do numeroso patrimônio histórico de Rio Pardo. O imóvel sobreviveu a vários conflitos e ficou famoso por hospedar Dom Pedro II em 1865, durante a Guerra do Paraguai. Leva este nome por estar ligado ao primeiro médico negro formado na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Luciano Panatieri. Seus descendentes moram e são proprietários de diversas casas históricas no município.

ZILK MARTA HERZOG/DIVULGAÇÃO/JC



Aqui se faz, aqui se paga I

O Brasil vive uma crise da classe média, em que se consumiu como se tivesse resolvido os problemas de renda estrutural, mas apoiado sobre bases frágeis, analisa a gestora de fundos Kinea. Daí para a elevada (ao cubo...) à inadimplência foi um passinho. Ok, mas que classe média *me hablas, paisano?* O que salta aos olhos é o fim da classe média. A diferença entre ricos e pobres hoje é apenas uma fresta.

Aqui se faz, aqui se paga II

Quando era presidenta, Dilma cometeu um sacrilégio ao dizer que quem ganhasse R\$ 3 mil por mês era classe média alta. Mesmo descontando o tempo ocorrido de lá para cá, só um arroubo matemático explica esse despautério. A grosso modo, a classe média desapareceu ao longo das últimas décadas. Uma parte desse sumiço se deve ao progressivo aumento dos impostos e dos custos fixos como a banda larga.

Caniços ao vento

Depois do episódio Dark Horse, o Centrão optou pela “neutralidade” nas próximas eleições. Não existe isso. É o que em física se chama equilíbrio instável. O que a política brasileira criou para o público externo foi um muro da largura de um elefante, cujo lema é “nem sim nem não, muito antes pelo contrário”. Mas como suas excelências são pragmáticas, na hora H se comportam como caniços ao vento, ora pra cá, ora pra lá.

De arrepiar cabelos da nuca

Se para o próximo presidente com contas a pagar vai ser filé de pescoço, o próximo a sentar na cadeira número 1 do Palácio Piratini não terá melhor sorte. Como disse o governador Eduardo Leite, as contas não fecham. O eleito talvez diga “mas o que eu vim fazer aqui?”. Isso se o El Niño for bonzinho.

O rabo do cavalo

Durante meses, os arautos do mercado acionário nos venderam a tese de que a bolsa brasileira voava em céu de brigadeiro porque éramos um País longe de bronca como guerras e terrorismo como o resto do mundo. Faz cinco semanas em que a Ibovespa cresce como rabo de cavalo - para baixo. Economia devagar como tartaruga com artrite e inflação subindo como alpinista com coceira no cóccix.

Uma rede que une **cuidado, confiança e presença.**

São **27 Unimeds** atuando em **497 municípios** do RS, com mais de **16 mil médicos cooperados** e uma estrutura completa para cuidar de você.

Unimed **somos COOP**

bluemhd ANS - n° 367087

Alpinista de telhado

Seja quem for o próximo presidente, vai ter que pegar o foguete pelo rabo. Com essa montoeira de programas sociais do passado e o deste ano, mais os que virão antes de outubro, o feliz ou infeliz presidente vai ter que recorrer a um fundo ausente. Não é à toa que o Risco Brasil subiu no telhado.

Samba de uma nota só

A julgar pela recente pesquisa, a divulgação do financiamento pós-filme de Bolsonaro pai, Flávio Bolsonaro perde gordura que pode ou não se aprofundar. Em tese, abre caminho para a dupla Cai-zema (Caiado e Zema) botar as manguinhas de fora. A maioria silenciosa está farta de ismos. Não à toa, em torno de 30% não querem nem o ismo de lá nem o ismo de cá.

O que eles disseram

“Em mercado, às vezes a paz nem precisa chegar. Basta a guerra atrasar.” (Olívia Flôres de Brás, CEO da Magno Investimentos sobre abertura de mercados de ontem).

A cancela do pedágio

Do ponto de vista de negócios, o Irã sabe como fazer limonada do limão. Ainda está sentado no petróleo e faz acordo cobrando pedágio com países que precisam de Ormuz aberto. Um aiatolá de plantão pode estar pensando “como não tivemos essa ideia antes?”

A capital das sinaleiras...

Leitor que mora no bairro Nonoai, a uma distância de não mais de seis quilômetros, contou 15 sinaleiras no trajeto. Essa é uma queixa comum na cidade, e se deve principalmente pelas demandas populares por mais semáforos quando boa parte dos pedestres atravessa a rua fora das faixas de segurança. É uma mania bem porto-alegrense, mania que não adianta campanha educativa. Todos estão carecas de saber que não pode.

...e a culpa dos pedestres

Há esquinas em que a desobediência civil do pedestre é quase caso de polícia, caso do cruzamento da Borges de Medeiros com Andrade Neves, ou rua dos Andradas com Caldas Júnior. Pior que ele se acha com razão. Em resumo, a irresponsabilidade campeia, como na frente do Hospital Materno Infantil da avenida Independência. Mães com bebês no colo atravessam as duas pistas fora da faixa mesmo com trânsito carregado.